

A ÚLTIMA CHANCE

Marcia Kupstas

Ilustrações Kris Barz

Obra baseada em *Conto de Natal*, de Charles Dickens


MELHORAMENTOS

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

a

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.site](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



Marcia Kupstas

A ÚLTIMA CHANCE

Ilustrações **Kris Barz**

Adaptação teatral em cinco atos baseada na novela
Conto de Natal, de Charles Dickens



SUMÁRIO

PREFÁCIO

PERSONAGENS

PRIMEIRO ATO

SEGUNDO ATO

TERCEIRO ATO

QUARTO ATO

QUINTO ATO

POSFÁCIO

CHARLES DICKENS

MARCIA KUPSTAS

CRÉDITOS

PREFÁCIO

PARA escrever *A Última Chance*, me baseei na história *Conto de Natal*, de Charles Dickens, mas tive de modificá-la bastante para que ficasse adequada ao palco. De modo geral, porém, a grande mensagem do texto permanece: pode um homem servir a dois senhores? Pode-se dizer cristão e civilizado, se fica tão obcecado em ganhar dinheiro que se afasta do próximo, transforma sentimentos em valores monetários e fecha o coração para qualquer possibilidade de ajuda ou solidariedade?

Apesar de a história de Dickens ter sido escrita no século XIX (foi publicada em Londres em dezembro de 1843), sua moral permanece muito válida, a ponto de ser um excelente tema de discussão para nossos leitores brasileiros do século XXI.

Ebenezer Scrooge é um dos maiores sovinas da literatura. Muito rico, é totalmente avesso à ideia de caridade. Explora seu funcionário Bob Cratchit, aproveita-se da desgraça alheia para enriquecer ainda mais, humilha quem lhe pede ajuda e foge da convivência com o sobrinho e com outras pessoas porque acredita não precisar dessas “tolices”. Parece um caso perdido. Porém, em uma véspera de Natal, vê seus conceitos colocados à prova.

Em uma aparição, o fantasma de Marley, seu falecido sócio, revela ser uma “alma penada” e comunica que Scrooge teria esse mesmo destino. Diz ainda que ele receberia visitas do Fantasma dos Natais Passados, do Fantasma do Natal Presente e do Fantasma do Natal Futuro, que lhe mostrariam algumas cenas de sua vida com o objetivo de fazê-lo refletir

sobre coisas que fez ou faz e sobre o que acontecerá caso não reveja seus valores. Se Scrooge compreender e aceitar a oportunidade, terá a redenção de sua alma.

Conto de Natal é uma das histórias mais populares de Charles Dickens, autor que conheceu a glória da fama em sua própria época. A infância atribulada serviu-lhe muitas vezes de inspiração, como nas obras *Oliver Twist*, *Tempos difíceis* e *David Copperfield*. Essas narrativas comoventes, com forte conteúdo moral, tocaram profundamente o coração de seus contemporâneos e continuam até hoje seduzindo leitores em todo o mundo.

Mesmo dentre tantos personagens expressivos, Ebenezer Scrooge se destaca. Seu sobrenome é sinônimo, na língua inglesa, de “avarento”. O próprio Tio Patinhas, criado pelos estúdios Walt Disney em 1947, recebeu, em inglês, o nome Uncle Scrooge, denotando óbvias semelhanças com o personagem dickensiano. Seu sobrinho Pato Donald muitas vezes sofre com a mesquinhez do tio, como ocorria com o infeliz Bob Cratchit. Em mais de um século e meio, a história de Dickens recebeu cerca de duzentas adaptações para teatro, cinema ou televisão.

Marcia Kupstas



PERSONAGENS

(por ordem de entrada)

EBENEZER SCROOGE (protagonista), maior avarento de Londres

BOB CRATCHIT, empregado fiel de Scrooge

CRIANÇAS CANTORAS (ou dubladoras), para o primeiro ato

SOBRINHO DE SCROOGE

HOMEM 1

HOMEM 2

MARLEY, falecido sócio de Scrooge, surge como fantasma e avisa da segunda chance

FANTASMA DOS NATAIS PASSADOS (FNP), caracterizado como menino

SR. FIZZ, ex-patrão de Scrooge, cena de dança

SRA. FIZZ, esposa do sr. Fizz, cena de dança

CASAIS DANÇARINOS, para o segundo ato

LAURA, ex-noiva de Scrooge

FANTASMA DO NATAL PRESENTE (FNPR), caracterizado como “Papai Noel milionário”

BELINDA, filha de Bob

TIM, filho doente de Bob

PEDRO, filho de Bob, usa uniforme de mecânico

MARTA, filha de Bob, usa uniforme de doméstica

ESPOSA DE BOB

IGNORÂNCIA, menina bem miserável

MISÉRIA, menina bem miserável

MENDIGOS AMEAÇADORES, para o terceiro ato

LADRÃO 1

LADRÃO 2

FANTASMA DO NATAL FUTURO (FNF), caracterizado com manto da Morte

MENINO, para o quinto ato

PRIMEIRO ATO

ESCRITÓRIO DE EBENEZER SCROOGE. *Destaque para uma porta de vidro com os nomes “Scrooge e Marley”. Em cena, dois personagens: Scrooge e Bob. Bob está num canto, iluminado por vela, curvado sobre um caderno, escrevendo. De vez em quando, para e assopra os dedos, demonstrando muito frio. Numa escrivaninha larga está Scrooge, bem agasalhado, com luvas e gorro.*

(Crianças entram no palco – ou podem vir da plateia – cantando ou dublando canções de Natal. Trazem arranjos natalinos e enfeites. Agem como se estivessem na rua. Scrooge para de trabalhar e fica ouvindo. Fala para a plateia:)

SCROOGE

Ah, o Natal! Que época curiosa é o Natal! As pessoas largam os afazeres do dia a dia e se dedicam a brincar, festejar, dar presentes. Todos procuram bons sentimentos dentro de si.

(Scrooge levanta-se e se aproxima da plateia, enquanto fala:)

SCROOGE

Todos desejam boas-festas uns aos outros, mesmo às pessoas estranhas. Todos querem encontrar a bondade, a felicidade e a caridade. Por isso mesmo eu só posso dizer, nessa época do ano, que...

(Scrooge abre os braços e sorri para a plateia, como se fosse desejar bons votos.)

SCROOGE

(Grita.)... que... Eu odeio o natal!

(Luz pisca, crianças saem correndo. Barulho alto de campainha. Há um rapaz diante da porta. Toca de novo a campainha.)



SCROOGE

(Senta atrás da escrivaninha; grita.) Booooooob! Está surdo, rapaz? Vá atender a porta!

(Bob corre para a porta. Entra o sobrinho de Scrooge, que cumprimenta Bob com um abraço. Bob agradece e volta para seu canto. O sobrinho vai até a escrivaninha de Scrooge e tenta abraçar o tio, que se encolhe.)





SOBRINHO

Feliz Natal, meu querido tio Scrooge! Que bom encontrar o senhor aqui!

SCROOGE

Ora, e onde estaria eu senão no meu escritório?

SOBRINHO

É mesmo, onde alguém deveria estar, em plena véspera de Natal, senão trabalhando no escritório?

SCROOGE

(Fala sem tirar os olhos dos cadernos.) O que deseja, sobrinho? Fale logo! Não tenho tempo para perder com bobagens.

SOBRINHO

Pois não irá *perder* e sim ganhar! Trago um convite. Venha almoçar amanhã na minha casa. Que tal?

SCROOGE

Ora, nunca fui à sua casa!

SOBRINHO

Por isso mesmo, tio! É Natal, e o senhor é meu único parente.

SCROOGE

Todo Natal você insiste nessas bobagens.

SOBRINHO

E continuarei insistindo, tio! Acredito que essa é a época de a família se reunir, trocar presentes, conversar...

SCROOGE

Pois podem muito bem passar sem mim! Presentes? Nada quero ganhar e muito menos quero retribuir! Visitas? Nunca visito ninguém para não ter depois de aguentar visitas em casa! Rir, conversar? Quanta tolice, sobrinho, quanta tolice!

SOBRINHO

Mas, tio... Como fica o espírito do Natal?

SCROOGE

(Muito irritado, sai de trás da mesa, fala e gesticula.) Espírito de Natal? Pois eu prefiro ser espírito de porco e não perder o meu tempo! Tempo é dinheiro, sobrinho, não sabia disso?

SOBRINHO

Tio, não fale assim! É impossível! Até o *senhor* tem de ser tocado pelo generoso espírito do Natal.

SCROOGE

(Grita.) Tolices! Só idiotas gostam do Natal. Duvida?
BOOOOOOOOOOOOB!

(Bob pula da sua mesa e corre para perto de Scrooge.)



BOB

Chamou, patrão?

SCROOGE

Diga-me, Bob: você gosta do Natal?

BOB

Claro, senhor Scrooge.

SCROOGE

(Satisfeito, para o sobrinho.) Não falei? (Volta-se para Bob.) E por que gosta do Natal, Bob?

BOB

(Surpreso com a pergunta.) Porque o Natal é uma época feliz, nós ficamos mais generosos, desejamos boas coisas para os outros e...

SCROOGE

(Para Bob.) Perda de tempo, desculpa para a preguiça! Que faz aqui? Volte já para o seu trabalho.

(Bob volta correndo para a sua mesa. O sobrinho está desconsolado.)

SOBRINHO

Lamento que pense assim, mas eu acredito no espírito de Natal. É por isso que insisto em lhe desejar boas-festas, tio Scrooge, e um feliz Natal.

(O sobrinho sai, Scrooge volta para a mesa. Mal consegue sentar, a campainha toca.)

SCROOGE

Será possível que não se pode ficar em paz? Booob!

(Bob corre a atender. Entram dois homens, com gorros natalinos e carregando um grande saco de Papai Noel.)

HOMEM 1

Bom dia!

SCROOGE

Como se o dia estivesse bom!

HOMEM 2

(Aponta para o letreiro da porta.) Temos o prazer de falar com o senhor Scrooge ou com o senhor Marley?

SCROOGE

Vocês têm o prazer de falar com Scrooge, porque meu sócio Marley morreu faz sete anos... E eu tenho o *desprazer* de falar com quem?

HOMEM 1

Somos da paróquia do bairro e estamos...

HOMEM 2

(Interrompe, incomodado. Ficou à porta, conferindo a placa.) O seu sócio morreu faz sete anos e o senhor não trocou o nome dele na porta?

SCROOGE

Placas custam dinheiro, senhor! E por que trocar o nome do Marley? Ele não tinha família para reclamar! Eh, eh, fiquei com tudo que era dele e posso garantir, senhores, que o velho Marley conseguiu bastante coisa... Era o melhor cobrador da cidade.

(Scrooge se ajeita na mesa e divaga. Os homens ficam estarecidos com a insensibilidade das lembranças.)

SCROOGE

Marley recebia qualquer dívida de qualquer pessoa. Não importava se tivesse de virar um aleijado de ponta-cabeça ou tirar os últimos centavos da bolsa de uma viúva, mas dívida boa era dívida paga! Mas o que querem, afinal? Não vieram aqui para falar do meu sócio...

HOMEM 2

Pelo que contou, espero francamente que o senhor seja mais generoso do que ele.

SCROOGE

(Arrepiando-se.) Generoso? O que desejam?

HOMEM 1

Somos da paróquia do bairro, senhor. Acreditamos que o Natal desperta o melhor espírito nos homens... Sua generosidade, a caridade cristã...

HOMEM 2

São muitos os deserdados da sorte, senhor Scrooge. Aqueles que sofrem com o frio do inverno, sem ter o que comer ou um teto sobre a cabeça. Os velhos, os doentes, as crianças abandonadas...

SCROOGE

Não existem asilos? Hospitais? Orfanatos?

HOMEM 1

(Surpreso.) Sim, existem, mas...

SCROOGE

Ufa, ainda bem! Então que esses lugares cumpram a missão de recolher essa gatinha.

HOMEM 2

(Estende o saco para Scrooge.) Senhor! É um ato cristão oferecer solidariedade e ajuda. Queremos organizar um grande almoço de Natal para os paroquianos mais humildes e...

SCROOGE

(Empurrando o saco.) Ah, só faltava essa! Eu, Scrooge, oferecer banquete para os vagabundos! Saiba que já ajudo demais com os impostos. O governo que use esses impostos para cuidar dessa gatinha. Bote todo mundo em orfanato, asilo, prisão, ou onde quiser!

HOMEM 1

(Indignado.) Senhor! Para algumas pessoas, isso seria a morte.

SCROOGE

Pois que morram! Tem gente demais no mundo. Seria até bom diminuir o excesso de população. Agora me deem licença, tenho mais o que fazer.

(Depois de expulsar os homens, Scrooge parece de bom humor, rindo consigo mesmo.)

SCROOGE

(Imita o Homem 1.) Eh, eh, *seria a morte!* Ora, por que não trabalharam, não fizeram como eu? Esbanjaram seu dinheiro e agora querem tomar o meu? Eh, eh, de jeito nenhum, eh, eh...

(Bob está de pé, à porta. Finalmente Scrooge o percebe.)

SCROOGE

O que quer?

BOB

Está na minha hora, senhor.

SCROOGE

(Olha o relógio, franzindo a testa.) Acho que ainda faltam cinco minutos...

BOB

Na verdade, seu relógio está atrasado, senhor... Já se passaram dez minutos do meu horário de saída.

SCROOGE

Uh, está bem. Até amanhã.

(Bob continua de pé, constrangido.)

SCROOGE

Ainda está aí? O que foi?

BOB

Senhor Scrooge, é que eu pensei...

SCROOGE

Pensou? Eu por acaso lhe pago cinquenta centavos por hora para pensar?

BOB

Não, não, senhor, mas minha família...

SCROOGE

O que tem sua família?

(Bob suspira, toma coragem.)

BOB

Hoje tem ceia e amanhã... Amanhã é Natal, senhor. Gostaria de ficar com minha família.

SCROOGE

Se gosta tanto assim de ficar com sua família, Bob, por que não fica com ela para sempre? Que tal, hein? Fique amanhã com sua família. Fique também depois de amanhã e depois ainda... Se eu o despedir, poderá ficar com sua família toooooooooodos os dias!

BOB

(Submisso, nervoso.) Por favor, senhor Scrooge, não me demita! Eu não faltarei, juro por Deus! É que no Natal a gente...

SCROOGE

(Suspira.) Sei, sei, esta besteira de espírito do Natal... Está certo, Bob. Folgue de manhã e almoce com sua família. Mas quero você aqui a uma da tarde. Em ponto, ouviu?

(Bob se apressa a sair. Fala da porta.)

BOB

Oh, muito obrigado, senhor! Senhor Scrooge...?

SCROOGE

Sim?

BOB

Feliz Natal, senhor!

(Bob sai. Scrooge anda pela sala, fala consigo mesmo, repete frases dos outros, arremedando com ironia.)

SCROOGE

“Feliz Natal”... “A caridade cristã”... “Ajudar os deserdados da terra”...
“O espírito de Natal faz bem à nossa alma”... Bah! Até que enfim me deixaram sozinho. Espírito do Natal... Como se eu acreditasse em espíritos. Raios me partam se um dia eu acreditar nesse tal espírito do Natal!

(A luz diminui. Ouve-se barulho de trovão e uma voz cavernosa.)

MARLEY

Scrooooooooooooooooooge...

SCROOGE

O que foi isso?

(Barulho de correntes e a voz repete.)

MARLEY

Scrooooooooooooooooooge...

(Apavorado, Scrooge corre para a escrivaninha, revira gavetas, acha um guarda-chuva e o aponta para todos os lados, como uma espada.)

SCROOGE

Quem está aí? O que quer? É um ladrão? Afaste-se! Vou defender tudo que eu tenho! Não vai levar nada de mim! Acabo com você!

(Entra Marley. Usa camisola de fantasma, tem o rosto pálido, arrasta uma corrente no pé.)



MARLEY

Vai mesmo acabar comigo, Scrooge? Tem certeza?

SCROOGE

Quem... Que é você?

MARLEY

(Anda vagorosamente, chacoalhando as correntes.) Scrooge, você deveria perguntar quem eu fui... Em vida, eu me chamava Jacob Marley.

SCROOGE

(Abaixa a “espada”, aturdido.) Marley? É você, Marley? Mas o que aconteceu?

MARLEY

(Cansado e vagaroso, joga-se na cadeira.) Ora, o que aconteceu? Eu morri, foi isso que me aconteceu!

SCROOGE

(Apavorado.) Sim, você morreu! E está aqui! O que você é, um fantasma?

MARLEY

(Chacoalha as correntes dos pés.) Sim, Scrooge. Sou uma alma penada. Condenado por toda a eternidade!

SCROOGE

Mas o que você fez, homem?

MARLEY

O que eu fiz? Você deveria perguntar: o que nós fizemos?! Nos nossos negócios sempre fomos implacáveis! Nunca um gesto de piedade, nunca o perdão de uma dívida, nunca o pagamento justo... Sempre que pudemos, exploramos os outros, enganamos nas vendas, nos aproveitamos do desespero das pessoas para comprar barato e vender caro. Oh, Ebenezer Scrooge, pensa que sua corrente está muito menor do que a minha? É que a sua ainda é uma corrente invisível... Deixe chegar a hora da sua morte que verá! Ah, ah, ah...

(A gargalhada de Marley aumenta de volume até ficar extremamente alta. Marley se levanta e rodopia em volta de Scrooge, apavorando-o.)

SCROOGE

Piedade, Marley! Pare com isso, não me atormente!

MARLEY

Scrooge, não vim aqui para atormentá-lo, mas para oferecer ajuda! Vim lhe dar um aviso. Você terá uma segunda chance, Scrooge.

SCROOGE

Sim, sim, o que tenho de fazer?

MARLEY

Hoje você será visitado pelos espíritos do Natal. São três fantasmas: o Fantasma dos Natais Passados, o Fantasma do Natal Presente e o Fantasma do Natal Futuro. Dependendo da sua atitude, do seu arrependimento e da sua mudança, você ainda poderá escapar de um destino igual ao meu. Adeus, Scrooge...

SCROOGE

Como assim? Não vá! Fique mais comigo, fale mais sobre os fantasmas, me ajude, Marley, o que...

(Uma luz se acende e se apaga.)

MARLEY

(Com voz cavernosa.) Adeus, Scrooooooge.

(Marley rodopia e sai de cena. Scrooge, apavorado, tapa o rosto com as mãos, anda e para diante da plateia.)

SCROOGE

(Descobre o rosto e fala com a plateia.) E agora? O que vai acontecer?

(Blackout.)

SEGUNDO ATO

PALCO ESCURO. *Scrooge está à frente, com a mesma expressão com que terminou o primeiro ato. Ouvem-se risadas infantis. O Fantasma dos Natais Passados (FNP) entra correndo. É um garoto que usa bermuda, boné e tênis. Carrega uma mochila grande.*

FANTASMA DOS NATAIS PASSADOS

Oi, Scrooge!

SCROOGE

O quê? Pensei que ia ser visitado por um espírito.

FNP

Sou eu mesmo, Scrooge. O Fantasma dos Natais Passados.

SCROOGE

Mas você é um garoto!



FNP

Posso ser jovem e ser velhíssimo. Posso ver todos os Natais... mas só os da sua vida. Olha o que eu trouxe para você!

(FNP senta-se à vontade, no meio do palco, e chama Scrooge para sentar-se ao seu lado. Abre a mochila e tira um vidro grande, que destampa e passa para Scrooge.)

FNP

Gosta desse cheiro?

SCROOGE

(Cheira duas vezes.) É familiar... É o cheiro da minha mãe! O cheiro que sentia em sua pele, quando ela me abraçava! Oh, ela morreu quando eu ainda era uma criança, mas jamais me esqueci do cheiro de sua pele!

FNP

E disso, lembra?



(Neste momento, usam-se recursos cênicos: FNP pode tirar uma fotografia da mala e exibi-la a Scrooge e ao público, ou pode iniciar a projeção de um slide no fundo do palco, com a imagem de uma casa.)

SCROOGE

(Aproxima o vidro do nariz.) Morei aí! Era a casa da tia que me criou! E o cheiro agora mudou... É de grama fresca depois da chuva! E de maçãs!

(Cheira de novo.) Oh, eu lembro bem, o quintal ficava coberto de maçãs maduras! A gente pegava as maçãs do chão e comia tudo aquilo, e depois a gente...

FNP

(Mostra uma foto ou exhibe um slide.) “A gente”? “A gente” quem? Por acaso você fala desta pessoa?

(É a imagem de uma menina sorridente. Comovido, Scrooge olha seu rosto por algum tempo.)

SCROOGE

Minha única irmã, Ana. Era dois anos mais velha que eu.

FNP

Ana gostava de bichos. Você se lembra dele? *(Mostra a foto ou slide de um cachorro.)*

SCROOGE

É o Espoleta! Foi nosso cachorro por uns bons anos. Ana o pegou da rua, ela vivia fazendo isso, recolhendo bichos abandonados. Querida Ana, um coração de ouro, mas uma saúde delicada...

FNP

Morreu no parto, não foi? E deixou o filho recém-nascido, me parece. *(Mostra uma foto ou slide do sobrinho de Scrooge.)*

SCROOGE

Meu único sobrinho.

FNP

Oh, é mesmo! Aquele sobrinho que nunca lhe pede coisa alguma a não ser sua amizade. Quantas vezes você já o visitou?

SCROOGE

(Abaixa a cabeça, envergonhado.) Nunca. Nem conheço sua esposa ou seus filhos.

FNP

Seus sobrinhos-netos. Sabe o nome deles?

(Scrooge nega com a cabeça, sem responder. Ficam imóveis algum tempo.)

FNP

(Recita ou canta os versos.)

Tempo manso e tempo bravo
Faz do homem um escravo
Líder, chefe ou vencedor
O tempo... O que você fizer com o tempo
O tempo... O que você fizer com o tempo
Pode ser sua desgraça
Pode ser seu salvador.

(O clima melancólico é interrompido quando FNP se levanta de um pulo.)

FNP

Vamos ver outros Natais! E agora, Scrooge? Lembra-se desse dia? E dessas pessoas?

(FNP bate palmas e o cenário se ilumina, há uma árvore de natal cheia de pacotes, mesa com um banquete e pessoas enfeitadas com gorros natalinos. As pessoas conversam e se abraçam, mas o público não os ouve. Um casal gordo cumprimenta todos, é o centro das atenções. Scrooge e FNP ficam num canto do palco.)

SCROOGE

É a loja do senhor Fizz! Meu primeiro patrão. Ele me ensinou tudo que podia sobre contabilidade. Sua esposa adorava festas.

FNP

Você se lembra de que dessa vez houve um baile? E já vai começar!
Venha, Scrooge, anime-se!

(FNP empurra Scrooge para o salão. Começa uma valsa. Os pares se formam para dançar. Scrooge anda solitário entre os dançarinos. Para diante de uma moça, que sorri e o aceita como par. Enquanto FNP canta — ou recita — seus versos à frente do palco, os casais vão aos poucos saindo de cena.)

FNP

(Recita ou canta os versos.)

Tempo manso e tempo bravo
Faz do homem um escravo
Líder, chefe ou vencedor
O tempo... O que você fizer com o tempo
O tempo... O que você fizer com o tempo
Pode ser sua desgraça
Pode ser seu salvador.

O homem é pai da criança
A memória traz lembrança
Coisa boa ou muita dor
O tempo... O que você fizer com o tempo
O tempo... O que você fizer com o tempo
Pode ser sua desgraça
Pode ser seu salvador.

A vida passa depressa
Veja bem se não tropeça
Em rede de pescador
O tempo... O que você fizer com o tempo
O tempo... O que você fizer com
Pode ser seu salvador.

Cuidado! Se em sua trilha
Você montou armadilha
E não virou caçador
O tempo... O que você fizer com o tempo
O tempo...O que você fizer com o tempo
Pode ser sua desgraça
Pode ser seu salvador.

Jogar cartas com o destino
Pode ser um desatino
Se não é um blefador
O tempo... O que você fizer com o tempo
O tempo... O que você fizer com o tempo
Pode ser sua desgraça
Pode ser seu salvador.



(Nesse momento, a moça se separa de Scrooge e sai. A música para. FNP recita seus versos finais para um Scrooge solitário.)

FNP

Se não fizer a coisa certa
Um dia você desperta e...
Descobre que está só.
Descobre que está só.
Descobre que está só.

SCROOGE

Eu me lembrei, Fantasma. Agora eu me lembrei.

FNP

Quem era ela?

SCROOGE

Laura. Ela me amou. Foi a única mulher que realmente me amou.

FNP

E você? Amava Laura?

SCROOGE

Prometi que me casaria com ela.

FNP

Mas não se casou.

SCROOGE

Eu queria lhe dar tudo, tudo! Queria que ela tivesse o mundo. Pedi que esperasse.

FNP

Esperasse o quê?

SCROOGE

Que eu ficasse rico.

FNP

Agora você é rico, Scrooge! E continua sozinho. O que aconteceu?

SCROOGE

(Aturdido, passa a mão pelo rosto.) Não sei... não me lembro!

FNP

Não se lembra mesmo, Scrooge?

(Scrooge e FNP ficam no escuro e a luz se acende sobre Laura, na outra ponta do palco. Ela lê uma carta.)

LAURA

Desculpe-me, querido Ebenezer, se escrevo uma carta em vez de ir vê-lo pessoalmente. Mas a verdade é que hoje tenho medo do homem que você é. Não o reconheço mais! Tenho saudades daquele jovem enamorado de tantos anos atrás, de quando éramos pobres colegas na loja do senhor Fizz e estávamos satisfeitos com nossos destinos. Nada tínhamos senão nosso trabalho e nossos sonhos! Mas você mudou, Ebenezer. Você ainda diz que me adora, mas você mente. Hoje você adora outro ídolo. Trocou qualquer sentimento de amor, compaixão ou amizade pelo bezerro de ouro. Mente que quer ficar rico para me dar um lar confortável, mas há muito tempo você age apenas por ganância. Diz que o mundo dos negócios é duro e cruel, mas você é o mais implacável de todos os negociantes! Vi caírem, uma a uma, todas as suas aspirações, até você ficar absorvido apenas por uma paixão: o amor ao dinheiro! Chamo o Céu por testemunha, Ebenezer, de que tentei compreendê-lo e aceitá-lo. Mas sei também que essa sua obsessão pelo dinheiro ocupa todo o espaço dentro de seu coração. Diga a verdade, Ebenezer, seja sincero consigo mesmo: se não tivesse me dado sua palavra de que se casaria comigo, por acaso ainda viria me ver? Existe algum real sentimento por mim exceto um compromisso formal? Pois eu o liberto desse compromisso, Ebenezer. Espero que talvez, em nome das pessoas que fomos, você ainda sinta uma leve saudade de mim. Mas creio que logo me esquecerá. Serei uma lembrança que você irá repelir como um sonho mau, do qual se acorda com alívio. Adeus, Ebenezer. Espero que possa ser feliz na vida que escolheu. Laura.



(A luz sobre Laura se apaga. Acende-se sobre Scrooge e FNP.)

FNP

(Recita ou canta os versos.)

Cuidado! Se em sua trilha
Você montou armadilha
E não virou caçador
O tempo... O que você fizer com o tempo
O tempo... O que você fizer com o tempo.

SCROOGE

(Parece cansado e triste.) Por favor, fantasma... leve-me de volta ao escritório. Chega dessas lembranças!

(FNP dá a mão para Scrooge, e eles saem do palco, caminhando lentamente, enquanto FNP recita ou canta.)

FNP

Se não fizer a coisa certa
Um dia você desperta e...
Descobre que está só.
Descobre que está só.
Descobre que está só.



TERCEIRO ATO

PALCO ESCURO *Scrooge entra por um lado e um homem apressado entra pelo outro. É o Fantasma do Natal Presente (FNPr): um homem grande e gordo do tipo “Papai Noel milionário”, coberto de joias, com cartola dourada, paletó com cifrões bordados e notas de dinheiro saindo dos bolsos.*

FANTASMA DO NATAL PRESENTE

(Agarra no braço de Scrooge e anda com ele pelo palco escuro.) Venha, venha, não se pode perder tempo, tempo é dinheiro, senhor, tempo é dinheiro!



SCROOGE

Quem é você?

FNPR

Ora, quem sou eu? Sou o Fantasma do Natal Presente. O seu Natal de hoje, Scrooge.

(FNPr continua andando e puxando Scrooge. Scrooge para e tira seu braço do braço do visitante. Olha desconfiado para ele.)

SCROOGE

Poxa, você parece... Não sei, tão... Tão...

FNPR

(Exibindo-se com orgulho.) Tão bonito? Tão charmoso?

SCROOGE

Não, não é isso! Você parece...

FNPR

(Interrompe, ansioso, exibindo joias e dinheiro.) Sou tão rico e poderoso como você é hoje, Scrooge! Então? Não é assim que você me vê? Ou eu deveria ser generoso, amigável, bondoso, solidário, gentil...?

SCROOGE

Não! Você me parece nervoso. Apressado. Como se quisesse logo ficar livre de mim.

FNPR

(Fala com a plateia, como se dividisse com ela uma grande piada.) Ora, ele ficou magoadinho! Scrooge, o sentimental! O que você queria? Tooooooooooooooda a atenção do mundo? Bah! Nós, homens de negócios, não temos tempo para perder com bobagens sentimentais. Venha comigo e cale a boca.

(A contragosto, Scrooge deixa que FNPr o conduza pelo palco. Eles andam de um lado para o outro. As luzes se acendem e se apagam, incomodando Scrooge.)

SCROOGE

Pare, Fantasma! Onde estamos, afinal?

FNPR

Em Londres.

SCROOGE

Não reconheço nada! Nunca vi um lugar assim em Londres.

FNPR

(Tira uma caderneta do bolso, confere e lê. Vira páginas e continua lendo.) Pois deveria, senhor! “Prédio de três andares na Boston Street, 49. Pertenceu ao senhor Jonathan Pierce, que faliu depois da queda das ações de cacau. Mesmo inacabado e condenado pela Saúde Pública por falta de sanitários, o prédio foi arrematado em leilão pela Scrooge e Marley, que sublocou o local para trinta e duas famílias, que pagam cinquenta libras por mês de aluguel cada uma...”. Isso dá uma renda bruta anual de dezenove mil e duzentas libras. Nada mau, hein? “Salão comercial na Black Oak Street, 462, abrigava um bar e mercearia da viúva do senhor Eugene Smith. A Scrooge e Marley processou o espólio do falecido pela

dívida de duzentas e setenta e oitos libras e conseguiu o controle da tal mercearia... Hoje, a antiga proprietária paga aluguel para a empresa, no valor de noventa e cinco libras...”. (*Vira outras páginas.*) “No bairro de Pudding Lane, a Scrooge e Marley é dona de um café com bilhar, uma oficina mecânica, outro cortiço que abriga doze famílias, um...”.

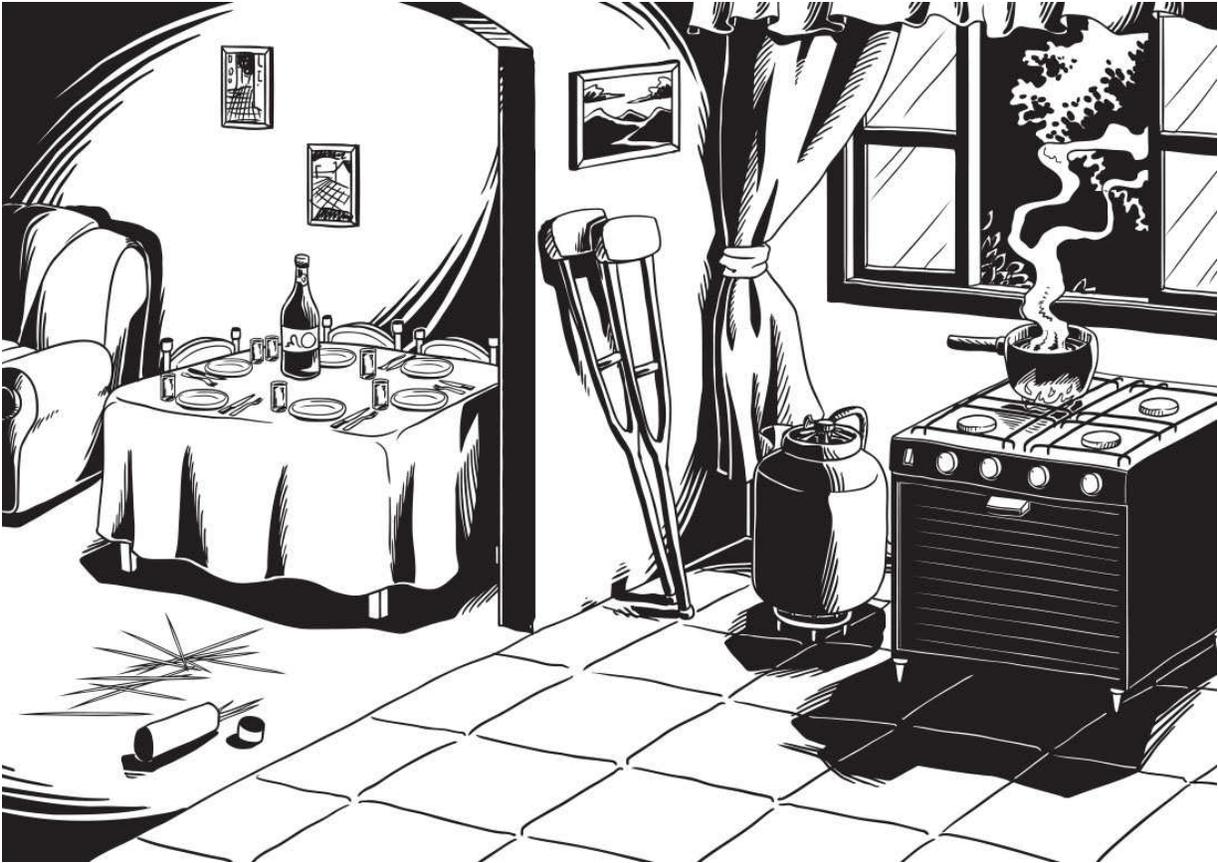
SCROOGE

Pare, pare! Isso são negócios, negócios da empresa... Nunca estive nesses lugares. Não os conheço.

FNPR

Claro que não conhece. O dinheiro não tem cara, não é, Scrooge? Os negócios não têm endereço, são apenas números! Mas aqui perto mora alguém que você conhece bem. Olhe!

(FNPr e Scrooge ficam num canto, enquanto a iluminação no palco revela a casa de Bob, um aposento simples, com poucos móveis. A esposa de Bob mexe algo no fogão. Dois dos filhos, Belinda e Tim, brincam no chão com pega-varetas. Tim tem as muletas ao lado. Outros dois filhos, Pedro e Marta, ajudam a mãe a colocar seis pratos sobre uma mesa minúscula. Marta usa um uniforme de empregada doméstica e Pedro, um macacão de oficina. Entra Bob. Tim levanta-se com dificuldade, apoiado na muleta, e “corre” para o pai.)



TIM

Papai chegou! Papai chegou!

ESPOSA DE BOB

Deus seja louvado! Bem a tempo de a gente jantar, antes de ir para a missa do galo.

PEDRO

(Fazendo piada.) É, pai! A gente vai mesmo fazer “a missa pro galo”...

BELINDA

(“Quebrando” a piada, fala mais depressa que o irmão.) Mamãe fez frango assado! É por isso que a gente vai ter missa “pro galo”...

PEDRO

(Ameaça com a mão.) Você estragou a piada, sua boba!

BELINDA

(Mostra a língua.) Estraguei não!

BOB

Acalmem-se, queridos... Está tudo bem...

(Bob abraça todos os filhos e puxa a mais velha, Marta, também para o abraço coletivo. A moça se libera do abraço e exhibe um pacote.)

MARTA

Olhe, papai, o que ganhei dos meus patrões: figos!

ESPOSA DE BOB

(Ajeita as cadeiras.) Que nós vamos comer junto com o frango... Vamos nos sentar. Venham!

(Apertam-se com dificuldade em torno da mesa. Abaixam as cabeças numa oração e depois a esposa de Bob começa a servir. É difícil dividir um único frango para todos, as porções são bem pequenas. Na hora dos figos, há cinco para serem divididos em seis pessoas. Enfim, marido e mulher comem metade cada um. Estão constrangidos, mas fingem que comeram com fartura.)

TIM

(Para a mãe.) Que frango gostoso, mamãe!

BOB

Parabéns, querida. Estava uma delícia.

ESPOSA DE BOB

(Percebe que foi um jantar miserável, mas finge alegria.) Oh, mas ainda tem outra coisa... Pedro ganhou um presente do dono da oficina.

PEDRO

(Orgulhoso.) Champanhe!

BOB

Nossa, que luxo! Vamos beber champanhe?

ESPOSA DE BOB

(Busca uma garrafa pequena de vinho.) Olhe só, não é uma garrafa bonita?

BOB

(Pegando a garrafa.) Linda mesmo!

MARTA

Eu pego os copos!

(Marta busca copos, que são distribuídos. Pedro estoura a rolha da pequena garrafa e começa a medir um gole para cada um dos seis copos. É uma tarefa difícil, tem de recolocar o líquido aqui e ali para ser justo. Afinal, todos têm uma dose.)

PEDRO

(Propondo um brinde.) Proponho um brinde a... Ao maravilhoso frango assado da mamãe!

(Todos erguem os copos, dizendo “viva!”. É a vez de Belinda. A menina se levanta e ergue o corpo.)

BELINDA

Um brinde à minha escola, à minha professora e a todos os meus amiguinhos!

(Todos erguem os copos: “viva!”. É a vez de Marta.)

MARTA

Um brinde à minha querida família.

(Todos erguem os copos: “viva!”. É a vez de Tim.)

TIM

Um brinde ao Natal! A um feliz Natal pra todo mundo! *(Vão começar a brindar, ele conclui:)* E que Papai Noel me dê de presente muuuuuuuuuuuita saúde...

(A família fica comovida por um instante, depois, completa o brinde. É a vez de Bob.)

BOB

Um brinde ao meu patrão. Graças a ele, hoje estamos em festa. À saúde do senhor Scrooge!

(A família não ergue os copos; clima de constrangimento. A esposa de Bob fala por todos.)

ESPOSA DE BOB

Oh, Bob! Brindar a uma criatura tão odiosa? Um avarento tão egoísta, miserável, explorador e...

BOB

Querida! Mas é Natal...

(Bob abaixa a cabeça, sem graça. A esposa de Bob olha para todos e se decide. Ergue o copo corajosamente.)

ESPOSA DE BOB

Está certo. Se vou brindar ao senhor Scrooge, não será por ele mesmo. Brindo ao senhor Scrooge por você, Bob, e por ser dia de Natal. Vida longa ao senhor Scrooge! Que ele tenha um feliz Natal!

(A família ergue os copos e nesse momento a luz se apaga bruscamente, para se acender sobre Scrooge e FNPr.)

FNPR

Venha, venha, Scrooge! Vamos embora.

SCROOGE

(Solta o braço do braço do FNPr.) Para que tanta pressa, Fantasma? O que ainda há para se ver?

(Scrooge fala mais consigo mesmo que com FNPr. Anda devagar pelo palco.)

SCROOGE

Não aprendi minha lição? Não vi essa pobre família brindar a contragosto à minha saúde? Será que pago tão mal assim ao Bob? É salário mínimo, mas é igual ao de tantas pessoas... Meu Deus, quantos filhos! Um frango para seis pessoas? Uh! E aquelas crianças, não deveriam estar na escola? Os dois mais velhos já trabalham... E o menino, Tim, não é o seu nome? Qual a doença dele? Tem um defeito na perna, mas... Será que não tem cura para ele?

(Scrooge e FNPr caminham devagar pelo palco. Aos poucos, surgem pessoas miseráveis que se sentam no chão e estendem as mãos, esmolando. Afinal, Scrooge os percebe.)

SCROOGE

Quem são essas pessoas?

FNPR

São os deserdados da sorte, os que sofrem com o frio do inverno, sem ter o que comer ou um teto sobre a cabeça. Os velhos, os doentes, as crianças abandonadas... Não é possível que não saiba quem são eles!

SCROOGE

Não me acuse, Fantasma! Nada tenho a ver com essa gente.

FNPR

Claro que não. Nunca teve naaaaaada a ver com os pobres da terra. Nunca quis ajudar, colaborar, dividir, doar. Você já faz muito pagando impostos. Não é mesmo?

SCROOGE

(Concorda, mas sem muito entusiasmo.) Sim, pago impostos... E altos! É tarefa do governo cuidar dos pobres.

FNPR

Para os miseráveis existem asilos, prisões, orfanatos. Não é o que sempre diz?

(Scrooge só confirma com a cabeça, mas sem convicção. Duas meninas muito miseráveis se aproximam e se agarram carinhosamente ao FNPr, que acaricia seus cabelos.)

FNPR

Conheça minhas filhas, Scrooge.



(O grupo ameaçador rodeia Scrooge, que se encolhe. FNPr sai. O grupo gira e, a cada volta, fica mais próximo de Scrooge.)

SCROOGE

Socorro, Fantasma! Por favor, me ajude! Não me machuquem! Não é minha culpa vocês estarem assim, por favor, parem! Parem!

(Grupo “fecha” a roda de vez, o público não vê Scrooge, encolhido no meio deles.)

SCROOGE

(Grita.) Aaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaah!

(Blackout.)



QUARTO ATO

QUARTO DE SCROOGE NO ESCURO. *O mesmo grito de Scrooge, que encerrou o terceiro ato, prossegue no quarto ato. A luz se acende. Ele grita e se agita em sua cama, veste pijama em estilo ceroula do século XIX, com touca no cabelo.*

SCROOGE

Socorro, não, não me peguem, não! Ah!

(Scrooge senta-se na cama e se dá conta de que está em seu quarto. Tenta sair da cama, mas não consegue.)

SCROOGE

Minha casa! Minha cama! Estou de pijama, então... Foi um sonho? Será que tudo foi um sonho? O fantasma de Marley, o Fantasma do Natal Passado e o Fantasma do Natal Presente, o... Ora, não consigo levantar! Por quê? O que está acontecendo?

(Barulho de vidro quebrado. Na outra ponta do palco, luz sobre dois ladrões que arrombam a janela e entram. Scrooge se protege debaixo do lençol, assustado.)

LADRÃO 1

Que diabo de barulheira é essa, homem! Perdeu seu talento para arrombador?



LADRÃO 2

(Rindo, sapateando.) Ora, para que fazer silêncio aqui? Ninguém pode nos ouvir.

(Scrooge descobre o rosto e fica ouvindo, assustado. Os ladrões andam pela outra ponta do palco.)

LADRÃO 1

(Desconfiado.) Quem morava aqui?

LADRÃO 2

Não sei o nome direito... senhor Scu... senhor Scri... Ah, sei lá! Sei que era rico. E morreu de repente. Era tão miserável que ninguém quis passar a noite com o defunto. Os vizinhos largaram o corpo no quarto e fecharam

a porta. Ah, ah, ah! Como se uma porta fechada impedisse dois ladrões como nós!

LADRÃO 1

(Abre um saco e recolhe objetos pela casa.) Ele foi um cara que nunca deu esmolas, não é?

LADRÃO 2

(Furta também objetos.) Esse mesmo. Agora vai dar o que a gente quiser, porque está morto mesmo, eh, eh!

SCROOGE

(Senta-se melhor na cama.) Quem são esses homens? De quem estão falando? De... De mim? *(Apalpa o corpo. Fala alto.)* Não estou morto! Estou aqui!

(Os ladrões continuam roubando, sem ouvir Scrooge.)

LADRÃO 1

Morreu mais sozinho que um cachorro. E deixou tudo isso. Para quê? Depois de morto não se leva nada para o Além, não é mesmo?

SCROOGE

(Não sai da cama; grita.) ESTOU VIVOoooooooooooo! ESTOU AQUI!

LADRÃO 1

(Olha em volta, desconfiado, como se ouvisse algum som.) Tem mesmo certeza de que não há ninguém na casa?

LADRÃO 2

Ah, ah! Claro que não. Pelo menos, não há ninguém vivo.

(Entra uma figura vestida com um longo manto preto, cujo capuz cobre o rosto, ao estilo das figuras tradicionais da Morte. Os ladrões não percebem sua presença.)

LADRÃO 1

Ora, se estamos sozinhos, vamos até a cozinha! Estou com fome.

LADRÃO 2

Isso mesmo! Vamos fazer um banquete à custa do velho muquirana! Ah, ah!

(Os ladrões saem carregando seus sacos de coisas roubadas. O vulto caminha devagar para a cama de Scrooge.)



SCROOGE

(Repete a frase do ladrão.) “Não há ninguém vivo na casa”... Como assim? E eu? EU ESTOU AQUI!

(Scrooge se esforça para levantar, mas não consegue. É como se estivesse grudado na cama. Luta para sair e, afinal, vê o Fantasma do Natal Futuro se aproximar.)

SCROOGE

Você! Você está aqui... Quem é você? É o Fantasma do Natal Futuro? O que tem a me dizer, qual lição devo aprender com você?

(FNF para diante da cama de Scrooge, em silêncio. Parece mais alto com o manto negro cobrindo dos pés à cabeça. Scrooge continua a se mexer na cama, sem conseguir sair dela.)

SCROOGE

Por favor, por favor! Se você é o Fantasma do Natal Futuro, responda! O que aconteceu? Foi um sonho? Em que ano estamos? Não me deixe nessa agonia! Fale, por favor, fale!

(FNF continua em silêncio. Scrooge se desespera. Fala consigo mesmo.)

SCROOGE

(Gagueja.) Talvez... Talvez você não seja o terceiro fantasma. Talvez você seja... A Morte! É... É is-so? Vo-você é a Morte?

(O vulto continua em silêncio.)

SCROOGE

Se você é a Morte, oh! O que a Morte pode me dizer?

(Afinal FNF se move: ergue o braço e aponta um canto do palco, onde está o fantasma de Marley. Vários personagens surgirão no palco, sempre seguindo essa indicação: FNF aponta e a luz destaca o personagem.)

MARLEY

(Chacoalha suas correntes.) O que dizer da morte de Scrooge? Depois de mim, era o maior sovina de Londres! Ah, ah, ah, terei boa companhia na minha condenação eterna!

(FNF ergue o braço e aponta outro canto do palco, onde está o sobrinho de Scrooge.)

SOBRINHO

O que dizer da morte do tio Scrooge? Ora, o que posso dizer do próprio tio Scrooge, se nunca o conheci? Sempre me evitou, nunca me reconheceu como parente! A gente pode lamentar a morte de alguém que nunca conheceu?

(FNF ergue o braço e aponta outro canto do palco, onde está Laura.)

LAURA

O que dizer da morte de meu ex-noivo Scrooge? O que dizer de um homem que trocou o amor e a chance de ter um lar e uma família pelo seu obcecado amor ao dinheiro?

(FNF ergue o braço e aponta outro canto do palco, onde estão o Homem 1 e o Homem 2.)

HOMEM 1

(Virando-se para o Homem 2.) O que dizer da morte do senhor Scrooge? Ora, o que ele disse quando pedimos ajuda para os pobres da paróquia? O

que ele disse mesmo?

HOMEM 2

(Arremedando.) “Pois que morram! Tem gente demais no mundo. Seria até bom diminuir o excesso de população...”.

(FNF ergue o braço e aponta outro canto do palco, onde estão o Ladrão 1 e o Ladrão 2.)

LADRÃO 1

O que dizer da morte daquele pão-duro? Que bom que ele morreu! Quanta coisa boa ele deixou para a gente! Ah, ah, ah!

(FNF ergue o braço e aponta outro canto do palco, onde estão Bob e a Esposa de Bob. Eles vestem luto.)

BOB

(Chora e se apoia na esposa.) O que dizer da morte do senhor Scrooge? Era meu patrão... Trabalhei anos e anos com ele. Gostaria de chorar por ele, mas não consigo! Eu choro, oh, querida, eu choro por Tim! Nosso pequeno e frágil Tim.

ESPOSA DE BOB

(Abraça o marido, mas não o conforta. Tem o rosto sério.) Chorar a morte do Scrooge? Não choro a morte dele. Se Scrooge lhe pagasse o que era justo pelo seu trabalho, Bob, se tivéssemos mais dinheiro para remédios e tratamentos, quem sabe nosso Tim estivesse vivo? O que posso falar da morte de Scrooge?

LADRÃO 2

(Chacoalhando o saco de coisas roubadas.) Scrooge morreu e já foi tarde!

MARLEY

(Movendo correntes.) Já foi tarde!

TODOS

(Repetindo seguidamente.) Scrooge morreu. E já foi tarde! Scrooge morreu. E já foi tarde! Scrooge morreu. E já foi tarde!

(Todos saem de cena, repetindo a frase. Scrooge, apavorado, rola na cama, chora. Então FNF estende o braço, dramaticamente, na direção de Scrooge. Música alta, assustadora. FNF exhibe um dedo descarnado de esqueleto e chama, com um gesto, por Scrooge. A música aumenta.)

SCROOGE

Não, por favor, não! Oh, piedade! Se você é a Morte, não posso esperar piedade, mas... Se você é o Fantasma do Natal Futuro, por favor! Essas coisas que mostrou... Não podem ser mudadas? Não há chance de se mudar o futuro?

(Scrooge chora desconsoladamente. FNF continua de mão erguida. De novo faz o gesto, chamando Scrooge. A música aumenta.)

SCROOGE

Se eu mudar minha vida, não poderei alterar esse futuro? Diga-me, Fantasma do Natal Futuro, por que me mostrar todas essas coisas, se a esperança está completamente perdida para mim?

(O braço esquelético abaixa-se um pouco, como se começasse a duvidar. Scrooge une as mãos em gesto de oração.)

SCROOGE

Estou arrependido, oh, como estou arrependido! Senhor Fantasma do Natal Futuro, será que não aprendi a minha lição? Dê-me uma segunda chance! Por favor!

(Scrooge chora mais alto, cobrindo o rosto. O braço do FNF titubeia. A música aumenta, reforçando o clímax. Afinal, o fantasma abaixa o braço e move o longo manto sobre Scrooge. Depois, ergue o pano preto sobre a plateia. Corre pelo palco, erguendo o pano.)

(Blackout.)



QUINTO ATO

MESMA CENA E CENÁRIO DO QUARTO ATO. Scrooge ainda chora na cama.

SCROOGE

E agora? O que virá agora? É o fim?

(Aos poucos, a luz aumenta como se amanhecesse. Ouvem-se pássaros cantando e ruído de trânsito na rua.)

SCROOGE

(Presta atenção à luminosidade e aos sons.) Parece que está amanhecendo... Será que esta noite acabou? Que dia será hoje? Oh, se pudesse levantar desta cama!

(Ao dizer isso, Scrooge joga-se para a frente e dessa vez consegue pular para fora da cama. Cai no chão, surpreso.)

SCROOGE

(Senta no chão e se apalpa.) Como? Saí da cama? Então não morri? O Fantasma... Ele me deu uma segunda chance?

(Scrooge anda pelo quarto, atarantado. Da plateia surge um Menino assobiando, que se aproxima do palco. Scrooge corre até a “boca de cena” e chama o Menino, como se ele estivesse na rua.)

SCROOGE

Menino, ei! Olhe aqui!

(Menino para, olha em volta e ergue o rosto para Scrooge.)

MENINO

Sim, senhor?

SCROOGE

(Felicíssimo.) Você pode me ver! Pode me ouvir!

MENINO

(Desconfiado.) Claro que sim, senhor! Por que não?

SCROOGE

Então estou vivo! Vivo! Sabe quem eu sou? Que dia é hoje?

MENINO

(Mais desconfiado ainda.) Sei que é o senhor Scrooge, o mais muqui...
(interrompe) ... de Londres! E deve ser o mais maluco, porque não sabe que hoje é Natal!

(O menino recomeça a andar, Scrooge dança pelo quarto e depois volta a chamá-lo.)

SCROOGE

É Natal, Natal, Natal, que maravilhoso Natal!... Espere, menino, espere!
Quer ganhar uma gorjeta?

MENINO

(Desconfiado.) De quanto, senhor Scrooge? Se for de dez centavos pode...

SCROOGE

Duas libras. Ou mais!

(Animado, aproxima-se da beira do palco onde está Scrooge.)

MENINO

Se é tudo isso, pode apostar que sim!

SCROOGE

Sabe me dizer se aquele peru... Aquele imenso peru recheado, que estava na vitrina do açougueiro, já foi vendido?

MENINO

Quem dera, senhor! Duvido que o açougueiro tenha a sorte de vendê-lo. Aquilo custa quase cem libras.

SCROOGE

Noventa e duas libras e quarenta e cinco centavos, para ser exato... *(Pensa por um momento.)* Hum... Espere um pouco aí.

(Scrooge corre até um baú ao pé da cama, retira uma carteira, pega duas notas. Depois, lembra-se de algo, retira papel e caneta, escreve, volta à “janela”, na boca de cena.)



SCROOGE

(Estende as notas para o menino.) Aqui tem cem libras. Você pode ficar com o troco.

MENINO

(Pega o dinheiro, feliz.) Obrigado, senhor Scrooge, o que tenho de fazer?

SCROOGE

(Estende o papel.) Compre o peru e leve-o depois a este endereço... espere! Não o leve agora. Só depois das duas horas da tarde.

MENINO

(Lê o endereço, faz careta.) Mas, senhor, é na outra ponta da cidade... Como carregar um bicho tão grande por Londres inteira?

SCROOGE

(Pensa um pouco, tira outras notas da carteira.) Você é o filho do carreteiro, não? Será que seu pai não faria esse carro até lá por vinte libras?

MENINO

(Feliz.) Poxa, senhor, por vinte libras tenho certeza de que meu pai levaria um peru até pra fora da Inglaterra!

SCROOGE

(Dá o dinheiro.) Aqui está, menino! Não se esqueça: entregue o peru depois das duas horas, para uma senhora magrinha, a esposa de Bob...

MENINO

(Afastando-se.) Pode confiar em mim, senhor Scrooge, vai dar tudo certo e... Senhor Scrooge?

SCROOGE

Sim?

MENINO

Feliz Natal, senhor!

SCROOGE

Sim, sim, feliz Natal, menino, feliz Natal!

(Scrooge despede-se do menino e rodopia pela casa, fala consigo mesmo, confere o horário no relógio.)

SCROOGE

Oh, feliz Natal, que maravilhoso Natal, como o Natal pode ser bom. Oh, obrigado, Fantasmas... Obrigado, Marley, pela segunda chance! Mas é tarde... Tenho tanto a fazer!

(Scrooge pega a carteira e a recheia com mais dinheiro ainda, que tira do baú. Está apressado, coloca a roupa de qualquer jeito. Sai com chinelos de quarto, sem perceber — pode ser até mesmo um par de pantufas, caricatas. Vai à frente do palco, anda por ali. Na outra ponta, luz sobre a porta de vidro em que está escrito “Scrooge e Marley”, embora a ação aconteça ainda longe dessa porta.)

SCROOGE

(Fala consigo mesmo.) E agora? Aonde vou primeiro? Mas ali... Não é meu sobrinho? Que golpe de sorte! Ei, ei! Espere! *(Anima-se, força a vista.)*

(O Sobrinho aparece na outra ponta do palco; parece surpreso.)

SOBRINHO

Tio Scrooge? Não me diga que já vai trabalhar no escritório!

SCROOGE

Não, não vou ao escritório ainda... Escute, quanto ao almoço de hoje... Se eu aparecer mais tarde, lá pelas duas horas, tudo bem?

SOBRINHO

(Espantado.) Como? O senhor virá almoçar conosco?

SCROOGE

Se não for incômodo. Eu apareço um pouco mais tarde...

SOBRINHO

Pode vir, tio, a hora que quiser. Será um prazer!

SCROOGE

Oh, não quero incomodar. Nem você nem seus filhos... É um casal, não é?

SOBRINHO

Bete tem seis anos e Lucas tem quatro.

SCROOGE

(Fala consigo mesmo mais do que com o sobrinho.) Lucas e Bete, meus sobrinhos-netos... Os netos da minha irmã Ana! E hoje vou conhecê-los. Mas não comprei nada para eles!

(Scrooge vira-se para o sobrinho, tira a carteira do bolso e lhe dá dinheiro.)

SCROOGE

Escute, você sabe melhor do que eu do que as crianças gostam... Pode comprar uns presentes com isso?

SOBRINHO

(Estarrecido, confere as notas.) Tio! Mas esse dinheiro é...

SCROOGE

(Tira ainda mais dinheiro da carteira.) É pouco, eu sei, leve mais... Compre também algo para sua esposa. E sobremesa! Creio que a confeitaria abre ainda de manhã... Leve bolos, tortas, frutas! Quando chegar a hora da sobremesa, quero que a gente tenha tudo do melhor.

SOBRINHO

Tio... Tem certeza de que está bem?

SCROOGE

(Afasta-se apressado, rindo.) Nunca estive tão bem, sobrinho! Nunca estive tão bem!

(O sobrinho sai por um lado do palco. Scrooge anda e fala consigo mesmo, conferindo o relógio.)

SCROOGE

E agora? Oh, já é tarde... Tanto a fazer e em tão pouco tempo! Aqueles senhores da paróquia... Creio que a igreja fica por aqui...

(O Homem 1 e o Homem 2 entram no palco. Trazem uma mesa simples, com poucas panelas. Parecem desanimados.)

SCROOGE

Bom dia, senhores. Então, já começaram a servir o banquete?

HOMEM 1

Banquete? Senhor Scrooge, ou o senhor está cego ou tem senso de humor bem estranho! Não vê que só temos isso?

(Scrooge ri consigo mesmo, antegozando seu plano. Confere as panelas.)

SCROOGE

É, parece que o espírito de Natal dos seus paroquianos não foi lá grande coisa.

HOMEM 2

O que é uma pena! Daqui a pouco nossos pobres chegarão e a refeição será assim tão...

SCROOGE

Tão farta, maravilhosa, saborosa?

HOMEM 1

(Indignado.) Senhor Scrooge! Sei que é pouco caridoso, mas não devia ser tão cruel, a ponto de zombar do nosso almoço! Isso é uma crueldade, isso é...

SCROOGE

(Interrompe, tira dinheiro da carteira.) Isso dá para um banquete?

HOMEM 1

(Pega o dinheiro e muda de ideia.) ... É uma generosidade e tanto!

HOMEM 2

(Tira o dinheiro da mão do Homem 1.) Não só almoço! Com esse dinheiro podemos dar cestas de Natal aos necessitados.

SCROOGE

(Oferece ainda mais dinheiro.) E que tal brinquedos? Muitos dos seus pobres devem ter filhos! Tome, leve, compre brinquedos... E doces! Muitos doces!

HOMEM 1

(Comovido.) Puxa, senhor Scrooge, é muita bondade dispor assim de seu dinheiro!

SCROOGE

Ora, para que serve o dinheiro, se não for para trazer conforto e bem-estar a si mesmo e aos próximos, dividir, compartilhar?... Passem na semana que vem no meu escritório, senhores! Tenho umas ideias para discutir sobre os seus paroquianos pobres... Quem sabe... Montar uma escola para eles? Ou uma oficina?

(Scrooge se despede dos homens, que saem muito felizes. Anda e fala consigo mesmo.)

SCROOGE

Quem sabe as duas coisas? Ajudar as crianças a estudar e a ter uma profissão? E por que não um teatro? Os mais talentosos poderiam representar e...

(Scrooge para diante da porta em que está escrito “Scrooge e Marley”, em dúvida.)



SCROOGE

O que aconteceu com você? Hoje você deu mais dinheiro do que fez em toda a sua vida... E a estranhos, pessoas de quem sempre se afastou... Por quê? O que está fazendo?

(Scrooge respira fundo e coloca a mão na porta de vidro. Sorri.)

SCROOGE

Estou fazendo algo que... Que me deixa MUITO FELIZ!

(Scrooge entra no escritório. A luz acende-se em todo o palco, onde estão as mesas de Bob e Tom.)

SCROOGE

(Confere o relógio.) Ah, Bob não chegou ainda... Está atrasado!

(Bob entra afobado na sala.)

BOB

(Sem fôlego.) Se-senhor Scrooge, o se-senhor já che-gou?

SCROOGE

(Enfuzado. Aponta o relógio.) Está atrasado, Bob!

BOB

(Respira fundo para pegar fôlego.) E-eu sei, se-senhor Scrooge, desculpe... é que hoje não há muitos ônibus circulando, pre-precisei vir a pé, vim o mais rá-rápido que pude, senhor...

(Scrooge anda em volta de Bob, de cara feia.)

SCROOGE

Eu avisei, Bob. Avisei que não ia tolerar atrasos. Por isso, tenho de tomar uma decisão.

BOB

Senhor...

SCROOGE

(Interrompe.) Ouça bem o que vou dizer, Bob. Você trabalha comigo há... O quê? Cinco anos?

BOB

Seis anos e meio, senhor Scrooge...

SCROOGE

(Ergue a mão.) Cale-se! Hum, tudo isso? Seis anos e meio... Foi sempre um funcionário...

BOB

(Justificando-se.) Um funcionário que nunca faltou, senhor! Que sempre cumpriu suas ordens, fez um trabalho...

SCROOGE

(Finge desconsiderar a opinião de Bob.) É, um trabalho e tanto, diria eu... E tem filhos, não?

BOB

Quatro filhos, senhor. E Tim é doente. Oh, senhor Scrooge, por favor. O senhor não pensa em... Pense neles. Senhor Scrooge, preciso do emprego!

(Scrooge está com cara feroz para Bob, mas sorri para a plateia.)

SCROOGE

Se pensasse tanto assim nos filhos não se atrasaria! Lamento, Bob, mas de hoje em diante, não posso mais aceitar seu trabalho como ajudante...

BOB

Vai mesmo me demitir?

SCROOGE

... não mais como ajudante. De agora em diante você será meu sócio! O que acha? Scrooge e Cratchit! Não terá mais salário... Que tal a participação anual de 25% nos lucros da companhia?

BOB

(Cai sentado numa cadeira estarrecido.) Senhor! Isso deve ser uma fortuna! Que tipo de brincadeira maldosa é essa?

SCROOGE

Não é brincadeira, Bob. É um convite de verdade, para que seja meu sócio. Então, aceita?

BOB

(Comovido.) Se eu aceito? Claro que sim, senhor Scrooge! Mas... O que aconteceu? Até ontem o senhor nunca pensou em dividir nada com ninguém!

SCROOGE

Eu diria que até ontem eu estava cego, Bob. Muita coisa aconteceu de ontem para hoje. Algo muito importante, que me abriu os olhos. As pessoas podem mudar, Bob.

BOB

(Levanta-se, tenta abraçar Scrooge.) Oh, senhor! Que bom que mudou, senhor Scrooge, que bom que... Pela graça de Deus, muito obrigado!

SCROOGE

(Sem graça, sai do abraço de Bob, abre a porta.) Sim, sim, pare de me apertar, homem, e dê o fora daqui! Sua família o espera para o Natal... Além disso, tenho compromisso. Vou almoçar na casa do meu sobrinho!

BOB

(Ergue o rosto para o céu.) Então o senhor aceitou o convite? Graças a Deus de novo! Isso deve ser uma espécie de milagre.

SCROOGE

(Empurra Bob porta afora.) Fora, Bob, fora... Só volte amanhã para conversarmos melhor... Dê lembranças à sua esposa, que deve estar agora com um trabalhão no forno...

(Scrooge lembra do peru, sorri, tira dinheiro da carteira, que passa para Bob.)

SCROOGE

Ah, entregue isso ao Pedro, para que compre uma champanhe de verdade... E isso para suas filhas comprarem novas roupas, e isso para Tim...

(Olha estarecido para o dinheiro e dessa vez abraça fortemente o patrão.)

BOB

Oh, senhor Scrooge, muito obrigado! Feliz Natal, senhor!

(Bob sai. Scrooge fecha a porta, anda pelo palco, fala consigo mesmo.)

SCROOGE

(Resmunga.) Oooh, feliz Natal... Uh, o Natal... Que época curiosa é o Natal! As pessoas largam os afazeres do dia a dia para comemorar, brincar e dar presentes. Todos procuram bons sentimentos dentro de si. Todos desejam boas-festas uns aos outros, mesmo às pessoas estranhas.

(Scrooge se aproxima da plateia, enquanto fala. Os Fantasmas dos Natais Passados, Natal Presente e Natal Futuro surgem às suas costas.)



SCROOGE

(Faz longa pausa.) Pessoas *bem estranhas* me visitaram esta noite! Espírito do Natal... Não pensei que isso existisse, mas existe. E agradeço a eles por me darem uma segunda chance. Uma chance para encontrar a bondade, a felicidade e a caridade dentro de mim. Por isso, eu só posso dizer, nesta época do ano, que... EU ADOOOOOOOOORO O NATAL!

(Scrooge abre os braços e sorri. Entram todos os atores em cena para os agradecimentos.)

FIM

POSFÁCIO

SOBRE ESTA PEÇA

NESTA minha versão, *A última chance*, dividi o texto em cinco atos, mais como forma de facilitar a leitura do que para indicar obrigatórias marcações temporais ou de cenário. Recursos de luz ou a entrada de atores que trazem ou tiram pequenos objetos de cena mantêm a continuidade da ação.

Formatei o texto pensando em um palco italiano e convencional, mas insisto em dizer que foi mais como expressão didática do que para oferecer uma marcação rigorosa de trabalho. Afinal, o encanto de se montar uma peça é a possibilidade de expressão de inúmeros talentos coletivos... Por isso mesmo, sugiro, no segundo ato, que o Fantasma dos Natais Passados recite ou cante o texto; que a dança dos casais envolva muitos atores-dançarinos; que o uso de fotografia ou *slide* também remeta a outras possibilidades artísticas.

Ebenezer Scrooge é um protagonista importante e talvez solicite um ator mais tarimbado para representá-lo, mas espero que isso não desanime nenhuma montagem! Afinal, além dele, a peça privilegia vinte outros papéis que podem servir bem a atores jovens ou amadores. Se for uma montagem escolar, há também espaço para figuração nas cenas das crianças cantoras (primeiro ato), dos casais dançarinos (segundo ato) ou dos mendigos (quarto ato).

O que quero deixar claro é que, da maneira como foi organizado, *A última chance* é um texto literário, um bom pretexto para a leitura adaptada de um

clássico universal cujo grande tema não envelheceu. Pode ser utilizado tanto para leitura em sala de aula como para apoio em um trabalho interdisciplinar.

Um texto teatral agrega interpretação à pintura, música, dança, poesia, expressão corporal etc. dentro das áreas de Língua Portuguesa, História, Língua Inglesa, Educação Artística e Educação Física. O texto também é viável como montagem teatral que possibilita a associação com outras artes em um trabalho coletivo, tanto em escola como em teatro amador.

Faço ainda um pedido: gostaria de ser informada quando *A última chance* for para o palco! (Quem sabe, receber um convite para ver a peça?) Adoraria acompanhar os desafios de uma montagem, as transformações de texto em fala, as possibilidades de cenário e outras questões. Entrem em contato!

CHARLES DICKENS

AUTOR popular na Inglaterra do século XIX, Dickens consiste em leitura fundamental no mundo todo. Sua obra é muito criticada pelo tom melodramático, com personagens caricaturais e enredos dependentes de peripécias e do acaso, mas o juízo que o autor empreende está bem atrelado à sua realidade contemporânea.

Durante a infância, Charles John Huffam Dickens dedicou-se à leitura da biblioteca doméstica e ao estudo em escola particular. Aos dez anos, teve de se mudar com a família para a prisão dos devedores, em função das dívidas do pai. Dickens começou então a trabalhar numa fábrica para o sustento familiar e, em vários de seus livros, o trabalho infantil na Inglaterra vitoriana foi denunciado com fervor.

Iniciou a carreira literária aos vinte anos, escrevendo em jornais e, depois, reunindo seus melhores textos em *Crônicas de Pickwick*, de 1836. Seus tipos londrinos em situações cômicas geraram a popularidade que o incentivou a escrever os folhetins semanais de *Oliver Twist*, em 1837. Ali, descreveu os males sociais ingleses da Revolução Industrial e foi um novo sucesso. Entre 1843 e 1845, escreveu as histórias natalinas *Conto de Natal*, *Os carrilhões* e *O grilo da lareira*. Seu romance consagrado, *David Copperfield*, fortemente autobiográfico, veio em 1849.

Foi casado e teve dez filhos, mas separou-se e viveu com uma atriz até morrer, de uma hemorragia cerebral. Em sua lápide, no canto dos poetas da Abadia de Westminster, lê-se: “Defensor dos pobres, dos sofredores e dos oprimidos”.

MARCIA KUPSTAS

ESCREVER, para Marcia, foi a concretização de um sonho que começou em 1957, quando nasceu no bairro da Vila Prudente, na capital de São Paulo. Descendente de russos e lituanos, a autora sempre conviveu com histórias contadas pela avó, pela mãe e pelo pai. Ela também lia romances clássicos e aventuras, histórias de terror e ficção científica. Seu primeiro autor favorito foi Monteiro Lobato.

Formou-se pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, em 1982, e publicou textos em inúmeras antologias enquanto lecionava. Em 1984, começou a escrever contos para revistas e jornais, como *Capricho* e *Estadinho* – uma experiência importante para seus livros juvenis. Em 1986, saiu o primeiro: *Crescer é perigoso*, Prêmio Revelação no Concurso Mercedes-Benz de Literatura Juvenil (1988). Nos primeiros vinte anos de sua carreira, já contava 98 títulos publicados, muitos com mais de 50 mil exemplares vendidos. Atualmente, além de escrever, dá palestras em escolas de todo o Brasil, organiza oficinas para professores e participa de feiras e bienais do livro.



Obra conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

Coordenação editorial: Carochinha Estúdio

Adaptação: Marcia Kupstas

Projeto gráfico: Carla Hachul Burattini

Ilustrações: Kris Barz

Diagramação: Thaís Gaal Rupeika

Revisão: Rayssa Ávila do Valle e Carolina Aidinis

Capa: Carla Hachul Burattini

Conversão em epub: {kolekto}

© 2013 Marcia Kupstas

Direitos de publicação:

© 2013 Editora Melhoramentos LTDA.

1.ª edição digital, janeiro de 2014

ISBN: 978-85-06-07404-6 (digital)

ISBN: 978-85-06-07109-0 (impresso)

Atendimento ao consumidor:

Editora Melhoramentos LTDA.

Caixa postal 11541 – CEP 05049-970

São Paulo – SP – Brasil

Tel.: (11) 3874-0880

www.editoramelhoramentos.com.br

sac@melhoramentos.com.br

